

Fronteiras do CLTS: Inovações e Ideias



Tornar a Higiene e o Saneamento Mais Seguros : Reduzir as Vulnerabilidades à Violência

Sarah House e Sue Cavill, Consultoras Independentes

Número 5, Abril de 2016

CLTS Knowledge Hub do

www.communityledtotalsanitation.org



Sobre o CLTS Knowledge Hub

O IDS tem vindo a trabalhar em apoio do Saneamento Total Liderado pela Comunidade (CLTS) desde que este começou. O CLTS tornou-se agora um movimento internacional do qual o IDS é o núcleo de saber reconhecido.

O CLTS Knowledge Hub dedica-se a compreender as realidades da prática de CLTS no terreno e a estudar, divulgar e promover boas práticas, ideias e inovações que conduzam a maior sustentabilidade e maior escala. Procuramos manter a comunidade de CLTS bem interligada e informada, e dar espaço para reflexão, aprendizagem contínua e troca de conhecimentos. Trabalhamos em colaboração com profissionais no terreno, decisores políticos, investigadores e outras pessoas que trabalham com desenvolvimento, saneamento e as comunidades envolvidas nestas questões.

Em última análise, o objectivo fundamental do núcleo é contribuir para a dignidade, saúde e bem-estar das crianças, das mulheres e dos homens do mundo em desenvolvimento que sofrem actualmente as consequências de um saneamento inadequado ou inexistente e de falta de higiene.

Foto da capa

UMA MULHER VOLTA PARA CASA COM O FILHO AS COSTAS, MOÇAMBIQUE, JULHO DE 2014.

FOTOGRAFIA: WATERAID/ GUILHEM ALANDRY

Tornar a Higiene e o Saneamento Mais Seguros: Reduzir as Vulnerabilidades à Violência

Sarah House e Sue Cavill, Consultoras Independentes

Citação correcta: House, S. e Cavill, S. (2016) "Tornar a Higiene e o Saneamento Mais Seguros: Reduzir as Vulnerabilidades à Violência", *Fronteiras do CLTS: Inovações e Ideias* Número 5, Brighton: IDS

Primeira edição: 2016

© Institute of Development Studies 2016

Alguns direitos reservados – ver licença de direitos de autor para mais informação.

ISBN 978-1-78118-243-7

Esta série foi licenciada com uma licença Creative Commons de Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 3.0 Não Adaptada (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt>).

Atribuição: Deve atribuir o devido crédito da maneira especificada pelo autor ou licenciante.

NãoComercial: Não pode usar este trabalho para fins comerciais.

SemDerivações: Não pode alterar, transferir ou transformar este trabalho.

Os utentes podem copiar, distribuir, exibir, traduzir ou levar à cena este trabalho sem autorização por escrito. Para cada novo uso ou distribuição, deve deixar claro para terceiros os termos da licença desta obra. Se usar o trabalho, pedimos que faça referência ao site do CLTS (www.communityledtotalsanitation.org) e envie uma cópia do trabalho ou um link para a sua utilização em linha para o seguinte endereço: CLTS Knowledge Hub, Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton, BN1 9RE, Reino Unido (CLTS@ids.ac.uk).

Foi dada autorização para tirar e usar todas as fotografias publicadas neste número.

Agradecimentos

O conteúdo desta publicação baseia-se no aprendido durante a elaboração de Violência, Género e WASH: Manual do Técnico da autoria de Sarah House, Suzanne Ferron, Marni Sommer e Sue Cavill. O manual foi financiado pelo Departamento para o Desenvolvimento Internacional do reino Unido (DFID), através do Consórcio de Investigação Aplicada em Higiene e Saneamento para a Equidade (SHARE) e publicado conjuntamente por 27 organizações (consulte: <http://violence-wash.lboro.ac.uk/co-publishers/>). Muitas pessoas e organizações de variadas disciplinas contribuíram para a elaboração do manual para técnicos. Consulte na Briefing Note 1 do manual (em inglês) a lista completa de agradecimentos. Consulte no Toolset 8 (em inglês) a lista completa de referências utilizadas durante a elaboração do manual. A seguinte hiperligação dá acesso ao manual: <http://violence-WASH.lboro.ac.uk>

O manual original foi financiado pelo DFID:



This material has been funded by UK aid from the Department for International Development (DFID). However, the views expressed do not necessarily reflect the Department's official policies.



A PRACTITIONER'S TOOLKIT

Making water, sanitation and hygiene safer through improved programming and services

Tornar a Higiene e o Saneamento Mais Seguros: Reduzir as Vulnerabilidades à Violência

A falta de acesso a uma casa de banho básica, no lar ou perto dele, a concepção ou localização inadequada das instalações, ou a falta de acesso a abastecimento de água podem levar mulheres e crianças a defecar a céu aberto quando está escuro ou a terem de caminhar longas distâncias para ir buscar água. Embora não sejam estas as causas últimas da violência, podem aumentar as vulnerabilidades das utentes à violência, incluindo o assédio e a violência sexual.

O aumento da construção de latrinas familiares através do processo de CLTS contribui para reduzir vulnerabilidades à violência relacionada com o saneamento, reduzindo a necessidade de mulheres e raparigas defecarem no escuro, a céu aberto e longe de casa.

No entanto, embora reconhecendo estes benefícios, também é preciso ter cuidado para garantir que as metodologias de CLTS sejam usadas de forma sensata, para garantir que as vulnerabilidades à violência não aumentem inadvertidamente como consequência dos processos. Isso poderia acontecer quando a comunidade exerce pressão sobre agregados familiares individuais, incluindo as famílias mais pobres ou com menos habilitações escolares e que podem não estar em condições de construir a sua própria latrina. Também pode haver riscos dentro do agregado familiar, se uma mulher tenta pressionar o marido a construir uma latrina.

Além dos riscos directamente ligados à prática do fecalismo a céu aberto (OD), ou devido a instalações mal concebidas ou mal localizadas, existem também algumas vulnerabilidades em relação ao género ou grupo social dos Líderes Naturais ou do pessoal de Água, Higiene e Saneamento (WASH). Mulheres e pessoas de grupos minoritários que trabalham no sector WASH podem, no seu trabalho diário, ser vítimas de assédio ou de intimidações ou as suas contribuições podem ser ignorados ou boicotadas. Mulheres Líderes Naturais que trabalham para mobilizar as comunidades para se tornarem livres de fecalismo a céu aberto (ODF) podem enfrentar dificuldades adicionais e também há riscos de abuso de poder por parte de quem esteja a implementar os programas.

Ter consciência desses riscos e fazer modificações simples no programa e processos organizacionais existentes podem ajudar a garantir que as metodologias CLTS continuem a contribuir da forma mais eficaz para a redução geral das vulnerabilidades à violência. Esta edição das *Fronteiras do CLTS* aprofunda esta questão.

Introdução

Uma em cada três mulheres em todo o mundo será vítima de violência física e/ou sexual por parte de um parceiro ou de violência sexual por um não parceiro. Além disso, segundo dados específicos para cada país, até 70% das mulheres são vítimas de violência na vida (OMS et al 2005, 2006, 2013). A violência de género (VG) é um problema generalizado e complexo, com origem em diferenças de poder e desigualdade entre homens e mulheres, e persistente discriminação das mulheres. Homens e rapazes também podem, porém, ser vítimas de VG, que normalmente é praticada por outros homens, devido às suas expectativas de papéis masculinos socialmente atribuídos.

A maior parte da VG, porém, é praticada sobre mulheres e raparigas – por terem menos poder na sociedade e por causa da discriminação de género. A violência contra as mulheres não se restringe a nenhuma cultura, região ou país específico, nem a grupos específicos de mulheres no seio de uma sociedade. As experiências também variam consoante o estatuto social, muitas vezes definido em função da etnia, classe social, idade, orientação sexual, estado civil e/ou deficiência (Assembleia Geral das Nações Unidas 2006). Também pode haver violência devido a diferenças de poder entre pessoas do mesmo género ou entre adultos e crianças.

Reduzir a vulnerabilidade das mulheres e raparigas das zonas rurais por meio da construção de casas de banho no lar ou perto dele é considerado um dos principais benefícios do CLTS, além de ganhos em privacidade, comodidade, respeito próprio, acesso a qualquer hora e poupança de tempo. Casas de banho perto das habitações podem reduzir significativamente os riscos diários e as ansiedades de mulheres e raparigas que têm de sair e fazer as suas necessidades em locais conhecidos de fecalismo a céu aberto, geralmente quando está escuro.

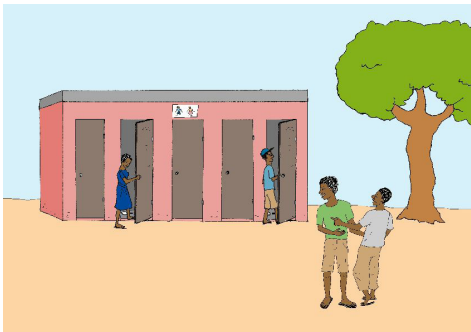
Todos os programas e serviços de WASH, porém, tanto rurais como urbanos, precisam de ter em conta a segurança dos utentes. Se bem que WASH não seja a causa última da violência, os programas e serviços de WASH que não tenham em conta a segurança dos utentes podem aumentar as vulnerabilidades de mulheres e raparigas e, às vezes, de homens e rapazes, pessoas de outras identidades sexuais e de género, e pessoas de outros grupos marginalizados.

Este número das *Fronteiras do CLTS* reúne lições sobre a violência relacionada com higiene e saneamento e exemplos de boas práticas de variados contextos, cenário urbanos e de ajuda de emergência, bem como rurais. Interpretam-se essas lições para propor aos técnicos de CLTS boas práticas relativamente à maneira como podem contribuir para reduzir as vulnerabilidades à violência através da forma como trabalham.

Tipos de violência que podem ocorrer relacionados com higiene e saneamento

Os quatro principais tipos de violência considerados particularmente relevantes para higiene e saneamento são:

Violência sexual Violação, ataques, abusos, toques inapropriados	Violência psicológica Assédio, intimidação ou inculcar medo, stress ou vergonha	Violência física Espancamento ou luta causando ferimentos ou morte	Violência sociocultural Ostracismo social, discriminação, marginalização política, normas sociais com impactos negativos
--	---	--	--



Desenho: Adaptado de uma ilustração de Annina Borstein



Ilustração: Andrew Tovovur em Halcrow et al 2010

O assédio ou agressão a raparigas, ou, nalguns casos, a rapazes, pode acontecer quando se usam instalações sanitárias comuns.

As mulheres podem sofrer agressão ou violência física por assumirem o que se considera papéis tradicionalmente masculinos.

O diagrama da página seguinte identifica as maneiras como a violência pode estar ligada ao saneamento, higiene e água.

Como a violência pode estar ligada ao saneamento, higiene e água

Fecalismo a céu aberto e caminhar longas distâncias para ir buscar água

- As mulheres e raparigas podem ter de esperar até estar escuro para irem defecar, e então podem sofrer assédio, abuso e a ameaça de violação.
- O fecalismo a céu aberto normalmente ocorre em locais inseguros, ou seja, atrás de arbustos ou em cursos de água abertos.
- Se as mulheres ou as crianças tiverem de caminhar longas distâncias para ir buscar água, isso pode também torná-las vulneráveis a ataques.
- Mulheres e crianças podem ser responsabilizadas por falta de água em casa, levando a violência doméstica.
- Pode haver brigas na fila da água, quando a água é escassa.

Facilitação de CLTS de má qualidade ou má localização, concepção ou sustentabilidade do saneamento

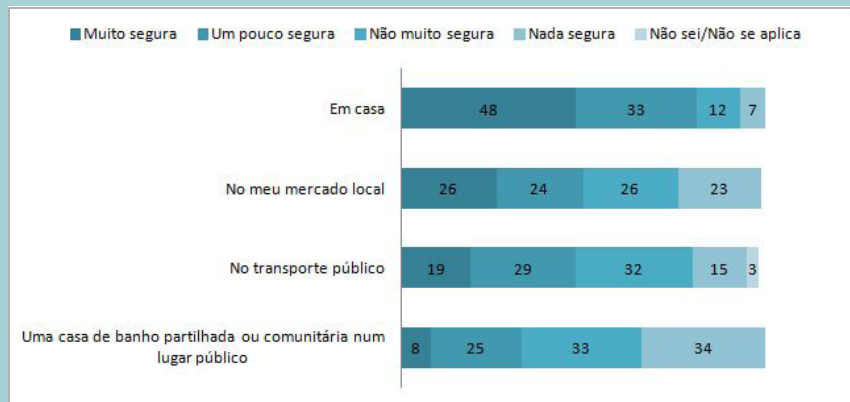
- A falta de privacidade nas latrinas pode levar as mulheres e as raparigas a recorrerem ao fecalismo a céu aberto quando está escuro.
- As raparigas e às vezes os rapazes podem ter medo de usar as latrinas escolares, por causa do risco de ataque.
- Sem cuidado na facilitação do CLTS, há um risco de que a pressão da comunidade leve a incidentes de violência contra famílias ou indivíduos que não constroem uma latrina.

Exploração e abuso de membros da comunidade e desafios para o pessoal ou Líderes Naturais que sejam mulheres ou pertençam a minorias

- Os agentes de WASH em posições de poder podem exigir favores aos membros da comunidade em troca dos seus serviços.
- As mulheres Líderes Naturais podem enfrentar mais desafios que os seus pares masculinos, quando incentivem os agregados familiares a construir latrinas daqueles, por parte de quem não gosta que uma mulher assuma este papel.
- O pessoal feminino ou de minorias pode estar sujeito a que ignorem os seus pontos de vista, a ser intimidado ou boicotado, ou a que comecem a circular boatos sobre as suas relações com os superiores, se for elogiado o seu trabalho.
- Pode haver expectativas de favores sexuais por parte de pessoal feminino em troca de estágios, empregos ou promoção.

Como pode ser a violência relacionada com higiene e saneamento

“Os dois homens estavam na praia quando acabei [de fazer as minhas necessidades no mar]. Eu reconheci-os imediatamente pela voz. Sabia que estavam bêbedos, porque os vi a beber numa casa em ruínas perto da estrada ao cair da noite. Vieram para mim e um deles agarrou-me no braço e outro tapou-me a boca com a mão. Seguraram-me e despiram-me e violaram-me. Foram muito violentos e fiquei com marcas em todo o corpo. Eu queria morrer, de desespero, e chorava e chorava, a pensar nos meus filhos. Depois de me violarem, avisaram-me de que, se eu contasse a alguém, me marcavam à faca. Estava aterrorizada, mas não podia fazer nada. Vejo-os por ali na localidade, mas não me atrevo a dizer à polícia.” *Fonte: Solomon Islands, Amnistia Internacional, 2011.*



Foram feitas perguntas a 500 mulheres com idades entre os 18 e os 54 anos que vivem em bairros pobres nos arredores de Lagos, na Nigéria, sobre o seu sentimento de segurança no acesso a casas de banho. 67% disseram que se sentiam “não muito seguras” ou “nada seguras” ao usar casas de banho públicas. *Fonte: Adaptado de Globescan e WaterAid 2012.*

As mulheres da aldeia de Khalila Majra, Distrito de Panipat, em Haryana, na Índia, explicaram que só podiam defecar antes do amanhecer ou depois do pôr do sol e podiam ter de acordar alguém para poderem ir, porque só iam em pares. Demoravam meia hora de cada vez e arriscavam-se a pisar cocó no escuro e por isso tinham um de par de chinelos separado só para este fim. Se não houver ninguém que vá com elas, não vão sozinhas e isso às vezes faz com que sejam agredidas. *Fonte: Chambers 2007.*

As mulheres e raparigas que vivem em zonas de reassentamento em Nova Deli, na Índia, estão sujeitas a assédio, agressão e abuso sexual, como consequência de locais de serviços públicos mal concebidos e mal mantidos. Os rapazes e os homens olham, espreitam, param por ali e assediam as mulheres e as raparigas nos complexos de casas de banho ali próximos. Má drenagem e pilhas de resíduos sólidos estreitam os caminhos e levam ao aumento de incidentes de rapazes/homens que se roçam nas mulheres/raparigas ao passarem por elas. *Fonte: Women in Cities International, Jagori, Centro Internacional de Pesquisas para o Desenvolvimento, 2011.*

Num estudo de mais de 9600 mulheres da casta dalit em quatro estados da Índia, as mulheres identificaram uma série de problemas que surgiam por não terem casas de banho nas suas moradias. Estes problemas são humilhação e insultos; assédio sexual; problemas de saúde; situações dolorosas em caso de doença; risco de acidentes ao defecar (incluindo em estradas ou vias férreas); risco de serem mordidas por cobras ou picadas por insectos; risco de ataque por animais selvagens; e dificuldades durante o seu ciclo menstrual. As mulheres também estavam expostas a violência diversa quando iam buscar água, incluindo insultos, comentários ordinários, assédio sexual, repreensões e ameaças de violência física. As mulheres de castas superiores eram os autores mais frequentes de discriminação ou violência contra as mulheres dalits, seguidas de homens da mesma casta e depois de homens de outras castas. *Fonte: WaterAid e Confederação Nacional de Organizações Dalit, 2013, inédito.*

Na Etiópia, a escassez de água pode levar a brigas domésticas, incluindo espancamentos da pessoa que, no lar, é responsável por ir buscar água, lutas na fila da água e acusações de roubo de água pelos vizinhos. *Fonte: Stephenson et al 2012.*

As mulheres e raparigas podem sentir-se desconfortáveis ou ser impedidas de utilizar instalações sanitárias em casa, devido a práticas e crenças culturais. Eis alguns exemplos: No Rajastão, Índia, as mulheres não se sentiam à vontade ao usar a latrina construída perto da entrada para o pátio familiar, dado que é um local onde os homens costumam juntar-se. No Sul da Ásia, 20% das mulheres com acesso a casa de banho entrevistadas num estudo abstinham-se de as usar durante o período menstrual, por medo de sujar o casa de banho. No Nepal, as mulheres e raparigas podem ser impedidas de usar o mesmo casa de banho ou a mesma fonte de água que os outros membros da família ou da comunidade durante o período menstrual. Outras práticas culturais podem impedir noras e sogras de usar as mesmas instalações sanitárias, ou as adolescentes têm de ser mantidas separadas dos membros masculinos das suas próprias famílias. Os empregados domésticos também podem ser proibidos pelo patrão de usar a casa de banho. *Fontes: Várias.*

Mulheres e raparigas do Bangladeche dizem-se preocupadas com a sua segurança

Em zonas rurais do Sudoeste do Bangladeche, nove em cada dez grupos focais femininos de saneamento disseram sentir-se inseguras e vulneráveis à violação quando defecam. As mulheres e raparigas destes grupos focais viviam em áreas afectadas por cheias. Algumas tinham recebido latrinas temporárias de ONGs, para usarem quando ficavam em abrigos temporários. Outras estavam a viver em casa e não tinham acesso a latrinas ou as suas latrinas estavam danificadas pelas águas das cheias.

Predominavam em todos os grupos histórias de violação e desejo de privacidade, de modo que as mulheres andavam distâncias enormes para defecar em terreno elevado longe dos homens. Isto significava atravessar centenas de metros de áreas inundadas com água pelo peito. Uma mulher fez isso com o seu bebé recém-nascido às costas, perdeu o pé, o bebé caiu e afogou-se, porque a mãe não sabia nadar.

“As mulheres jovens e raparigas não se sentem seguras mesmo nas latrinas de abrigos, não há absolutamente nenhuma privacidade, os homens abrem buracos nas paredes de polietileno e espreitam-nos e tentam agarrar-nos”. *Jovem mãe de uma minoria étnica de Jenqur*

“As mulheres têm de ir aqui e ali, debaixo das árvores e nos jardins. Nós só podemos fazer isso à noite e sinto-me muito assustada e vulnerável, porque nós sabemos que os homens estarão lá à espera delas”. *Mulher de uma minoria étnica de Jenqur*

“As mulheres sentem-se inseguras ao utilizar as latrinas, por causa do risco de abuso físico. Elas muitas vezes chegam a não ir à casa de banho dois dias seguidos, o que causa infecção”. *Rapariga crescida da Escola Secundária de Pelkhata*

“Não temos nem latrina nem privacidade, a minha filha foi à casa de banho à noite e foi atacada. Foi violada por 12 homens e morreu dos ferimentos”. *Mãe mais velha de Pelkhata*

Fonte: Discussões em grupo com as comunidades nas zonas rurais do Sudoeste do Bangladeche, onde mais de metade das comunidades não têm acesso, ou só têm acesso muito parcial, a latrinas sanitárias durante a estação seca. Nem uma única comunidade tem acesso adequado durante as cheias (Weighell 2015).

Direitos, repulsa e vergonha

Embora o CLTS tenha conseguido muito e consiga chegar a um número muito maior de pessoas que muitas outras abordagens, alguns elementos da abordagem têm causado debate. Trata-se, nomeadamente, da questão de saber se o enfoque nos direitos da comunidade levou a uma perda de direitos individuais. O CLTS reconhece que o comportamento individual tem impacto em toda a comunidade, que os direitos não existem isoladamente de tudo o resto e que pode haver conflitos entre direitos individuais e direitos comunitários. Por exemplo, o direito do indivíduo de não construir uma latrina infringe o direito à saúde da comunidade no seu todo. Pretende-se, com discussões francas sobre OD, que a comunidade assuma colectivamente o problema. Em termos ideais, o processo de CLTS protegerá o direito à saúde, o direito a participar na tomada de decisões, o direito a não ser tratado de forma degradante e desumana, e um acesso mais fácil e muito mais seguro, através de uma casa de banho na habitação ou perto dela.

Como resultado das actividades de despertar podem surgir diversas emoções fortes, incluindo repulsa, vergonha e embaraço, bem como orgulho e respeito próprio. Envergonhar as pessoas não é “usado” intencionalmente como factor de motivação no CLTS. As pessoas podem, no entanto, sentir vergonha como resposta emocional aos conhecimentos que adquirem no despertar e pode daí resultar uma mudança de comportamento que beneficie o agregado familiar e toda a comunidade. No CLTS, não há intenção de estigmatizar indivíduos, mas sim de tornar vergonhosa a prática de OD (Bongartz 2012; Otieno 2012).

Foram identificados, porém, exemplos isolados, em que foram apedrejadas pessoas por outros membros da comunidade quando praticam OD ou houve pessoas a quem trancaram as portas de casa ou retiraram as ferramentas de subsistência até elas construírem uma latrina (Bartram et al. 2012). É, pois, claro que se deve ter cuidado durante o processo de facilitação, e em particular durante o despertar e as fases seguintes, para que o processo ou a pressão dos pares não cause incidentes de violência. O facilitador precisa de explicar que algumas pessoas, especialmente os membros mais pobres e com menos habilitações escolares de uma comunidade, podem não ser capazes de construir latrinas ou de alterar as suas práticas com tanta facilidade como os outros. Deve facilitar-se a comunidade para entender que estas pessoas devem ser incentivadas e apoiadas, e não assediadas nem intimidadas, para alterar as suas práticas. A próxima edição do *Fronteiras do CLTS* sobre direitos humanos tratará esta questão mais em pormenor.

Implicações da violência

O medo pode impedir uma mulher ou criança de usar uma instalação sanitária, criando práticas de risco, como seja o fecalismo a céu aberto quando está escuro. Se uma mulher, rapariga, rapaz ou homem forem agredidos sexualmente, além de ser uma experiência muito traumática por si só, isso pode ter diversas outras implicações muito graves. Estas implicações podem ser: gravidez indesejada; doenças sexualmente transmissíveis; acusações de infidelidade; ou rejeição pela família ou pela comunidade. Isso pode resultar em sentimentos de vergonha e de depressão, ou pode levar ao suicídio ou homicídio.

Para funcionários do sexo feminino ou pertencentes a minorias, ser assediado, intimidado, ignorado ou boicotado pode levar a uma perda de confiança em si próprio, depressão, não participar em discussões, ou até deixar o cargo. Isso pode, por sua vez, reduzir a oportunidade de serem incorporadas diversas perspectivas e opiniões nos programas e serviços, reduzindo se, assim, a sua eficácia.



Mulher caminhando numa aldeia no Niassa, em Moçambique, Julho de 2014.
Fotografia: WaterAid/Panos/Adam Patterson.

O que devemos fazer na prática para reduzir vulnerabilidades à violência ligada à higiene e saneamento?

As páginas que se seguem identificam os princípios essenciais para os técnicos do CLTS reduzirem as vulnerabilidades à violência através do seu trabalho, bem como sugestões práticas de como esses princípios podem ser implementados.

Princípios importantes para reduzir as vulnerabilidades à violência

Reforçar o compromisso institucional e a capacidade do pessoal para responder à questão da violência

Princípio 1 - Institucionalizar o compromisso de compreender e responder às vulnerabilidades à violência

Princípio 2 - Capacitar a equipa para compreender os riscos, as suas responsabilidades e as boas práticas.

Princípio 3 - Estabelecer ligações intersectoriais para utilizar as competências dos que trabalham com protecção, VG, género ou empoderamento das mulheres.

Entender o contexto e modificar as abordagens para terem em conta a segurança

Princípio 4 - Identificar as vulnerabilidades à violência ligada a WASH no contexto específico.

Princípio 5 - Adaptar os instrumentos participativos existentes para ter em conta a violência e os sentimentos de segurança.

Princípio 6 - Prestar especial atenção à compreensão das vulnerabilidades de pessoas especialmente vulneráveis e marginalizadas ou de circunstâncias especiais.

Concepção e implementação de programas e inclusão da prestação de contas às comunidades

Princípio 7 - Reforçar a auto-estima de todos, mas particularmente de mulheres e raparigas, e estabelecer ligações a redes e grupos existentes para apoio dos pares.

Princípio 8 - Garantir que os membros da comunidade tenham informação adequada sobre o programa e bom comportamento do pessoal, e estabelecer mecanismos de feedback para comunicar problemas.

Princípio 9 - Conceber e construir instalações comunitárias de WASH para reduzir as vulnerabilidades comuns à violência e dar orientações sobre boas práticas nesta área, para instalações domésticas autoconstruídas.

Princípio 10 - Assegurar-se de que haja especial transparência nos processos que implicam apoio a famílias ou indivíduos específicos, como os que forem especialmente pobres ou vulneráveis.

Há que certificar-se de que o pessoal está consciente das suas responsabilidades, dos comportamentos adequados e das boas práticas

Certifique-se de que seus funcionários e parceiros sabem da violência potencial que pode ocorrer em relação à higiene e saneamento.

Certifique-se também de que conhecem as boas práticas e sabem que **comportamentos são apropriados** quando se trabalha nas comunidades e entre os funcionários. Isto serve para ajudar a impedir o abuso de membros da comunidade e o assédio e a intimidação no local de trabalho.

Devem elaborar-se **códigos de conduta e políticas de género e protecção** para organizações que trabalhem com CLTS. Mesmo simples códigos de prática para organizações mais pequenas podem ajudar a tornar claro para todos quais os comportamentos adequados.

Todos os funcionários e parceiros devem assinar um código de conduta em que seja evidente que qualquer infracção resulta em **acção disciplinar**.

Estabeleça ligações com profissionais que trabalhem com protecção, violência de género, género ou empoderamento das mulheres para darem orientações sobre o que fazer quando confrontados com incidentes de violência, e para melhorar as estratégias de programação

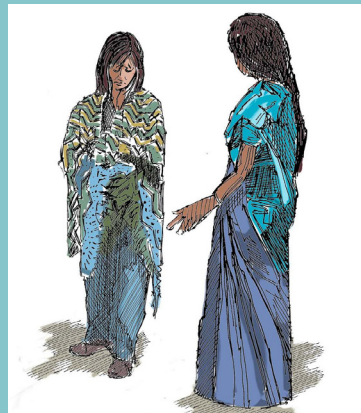


Ilustração: Rod Shaw/WEDC, Universidade de Loughborough.

Sempre que possível, deve contratar-se um número quase igual de homens e mulheres para oferecer apoio de pares e reduzir os riscos de assédio.

Ter funcionárias a trabalhar ao nível comunitário pode **encorajar as mulheres da comunidade, bem como os homens, a participar com mais confiança** e também dá às mulheres da comunidade a oportunidade de exprimir preocupação com questões de abuso relacionadas com a segurança ou o abuso.

Estabeleça ligações com profissionais em todos os sectores

Entender vulnerabilidades à violência relacionada com higiene e saneamento

Realize “auditorias de acessibilidade e segurança” ou “mapeamento de segurança” para permitir que as mulheres e as adolescentes em especial, mas também rapazes adolescentes, identifiquem preocupações em matéria de segurança nas casas de banho e façam recomendações para melhorias. Leve os decisores da comunidade a participar no processo ou comunique-lhes os resultados.



Auditoria de segurança. Ilustração: Kiloran Benn O'Leary.

Podem encontrar-se orientações para a realização de auditorias de acessibilidade e de segurança em publicações de Mehrotra (2010) e Jones (2013).

Pondere as suas metodologias:

- Certifique-se de que também se dá relevo às opiniões de raparigas e rapazes adolescentes, bem como às das mulheres.
- Sempre que possível, inclua perguntas sobre sentimentos de segurança.

Quando as normas culturais fazem com que homens e mulheres não possam participar juntos nas actividades, considere a possibilidade de abordagens modificadas em que se fazem actividades separadas relacionadas com o CLTS, que, em seguida, são apresentadas num grupo misto.

Tenha cuidado durante a facilitação para incentivar o **entendimento entre homens e mulheres** e a importância de **respeitar** as experiências e as necessidades uns dos outros.

As **preocupações com a segurança** de mulheres e raparigas podem ser recolhidas confidencialmente, ou num grupo só de mulheres, e, em seguida, comunicadas anonimamente aos homens, para poderem discutir soluções.

Mapeamento de segurança

O mapa abaixo foi elaborado por mulheres do bairro de Bhalswa, em Deli, na Índia, onde identificaram lugares do seu meio local onde tinha havido violência. Embora este mapa tenha sido elaborado num meio urbano de baixo rendimento, os mesmos princípios aplicam-se ao meio rural, antes do CLTS (caixa de Lennon 2011: 8).

O mapa ilustra onde as mulheres se sentiram em risco e em perigo.

Embora nem todos os incidentes referidos estivessem relacionados com falta de água e instalações sanitárias, associava-se frequentemente o fecalismo a céu aberto à violência sexual contra as mulheres.

Os complexos sanitários da comunidade não foram referidos como perigosos em si mesmos por este grupo específico de mulheres, mas os caminhos para esses complexos foram associados com violência sexual.



Fonte: Cópia traduzida do mapa produzido por mulheres do bairro de Bhalswa.

Incidentes que ocorreram em cada local numerado nos últimos dois anos:

1. Dá-se assédio sexual (verbal e físico).
2. Assédio sexual (verbal e físico); uma senhora foi raptada, violada e assassinada; os homens apontam luzes às mulheres quando elas defecam ao ar livre e noutras ocasiões, os homens escondem-se nos esgotos para as observar. Uma mulher foi violada e assassinada quando foi defecar.
3. Assédio sexual e violações nos arbustos e depressões do terreno; arrancam colares do pescoços das mulheres; há homens que se escondem e fazem pouco das raparigas e homens que espreitam para dentro da casa de banho das raparigas.
4. As raparigas são vítimas de assédio sexual no caminho para a escola; grupos de homens troçam ou abusam das raparigas que passam.
5. Assédio sexual.
6. As mulheres são vítimas de assédio sexual ao defecar a céu aberto.
7. Uma mulher idosa foi forçada a beber álcool antes de ser assassinada.
8. Assédio sexual; noite dentro, as mulheres enfrentam muitos problemas, como o roubo.
9. Uma menina de quatro anos foi atropelada e morta por um motorista de moto-táxi.
10. Aconteceram aqui muitos incidentes, incluindo estupros.

Aumentar a privacidade, a segurança e a dignidade através da concepção

Localizar, conceber, construir e gerir instalações sanitárias

Certifique-se de que as mulheres e as adolescentes participam na localização e concepção tanto de casas de banho domésticas como de casas de banho públicas ou partilhadas.

Características de concepção que podem fazer com que as instalações sejam sentidas como mais seguras para usar (mas isto deve ser verificado em cada contexto específico) são as seguintes:

- As instalações estão localizadas perto da casa.
- A instalação está bem iluminada, sempre que possível, ou as mulheres e raparigas têm acesso a lâmpadas eléctricas ou outras formas de iluminação.
- A instalação tem uma porta sólida e uma fechadura interior na porta.
- A casa de banho tem telhado, especialmente se for possível homens ou rapazes subirem aos telhados, às árvores ou olhar para dentro da casa de banho de outra maneira.
- As instalações são acessíveis para os membros da família com dificuldade de locomoção (espaço suficiente no interior, maçanetas grande e fáceis de agarrar, possibilidades de se sentar, corrimão, etc.) - ver *Fronteiras do CLTS* sobre “Deficiência: Tornar o CLTS Plenamente Inclusivo” para mais informação.

Quando são necessárias instalações públicas ou partilhadas (como em escolas ou zonas urbanas de alta densidade populacional) também se aplicam as seguintes boas práticas:

- Estão claramente identificadas instalações divididas por sexo e as mulheres e raparigas decidiram a distância entre instalações.
- Há um número adequado de cabinas e o serviço tem um preço acessível, para garantir que as pessoas não tenham de recorrer ao fecalismo a céu aberto.
- Fornecem-se biombos para privacidade em frente à portas, se as mulheres e raparigas sentirem que isso lhes dá mais segurança e mais dignidade.
- A latrina deve permitir uma gestão eficaz da higiene menstrual (eliminação de materiais sanitários, privacidade, proximidade de acesso a abastecimento de água).
- Funcionários, operadores e responsáveis, se for caso disso, recebem formação sobre conduta aceitável e a importância de reduzir o assédio.
- Os caminhos e a drenagem da instalação são mantidos limpos para fácil acesso e são cortados regularmente o capim e as árvores nos caminhos para a casa de banho.

Apoio de pares e prevenção do assédio e abuso

Há que ter um cuidado especial durante a facilitação para garantir que as famílias **mais vulneráveis ou marginalizadas** (por causa do nível de pobreza, grupo social/ étnico, identidade sexual ou de género, idade ou deficiência) participem nos processos de CLTS e sejam apoiadas para construir latrinas.

Certifique-se de que estas famílias não são pressionadas, individualmente envergonhadas ou assediadas no âmbito dos processos.

Assegure-se de que os que dão apoio às famílias ou indivíduos vulneráveis não usem a sua posição de poder para explorar ou abusar as famílias ou os indivíduos, isto é, que não os ajudem com a **expectativa de favores sexuais** ou outros em retribuição.

Durante as visitas de monitoria, reserve tempo para visitar as famílias especialmente vulneráveis para verificar se elas não tiveram problemas durante os processos de CLTS.



Ilustração: Petra Rohr-Rouendaal/
Biblioteca de Material Visual do
Núcleo WASH.

Use grupos comunitários existentes, tais como grupos de mulheres ou de pessoas com deficiência, ou grupos de poupança, como ponto de entrada para discussões sobre **riscos relacionados com a segurança** e soluções para eles.

Discuta com os Líderes Naturais, homens ou mulheres, **se preferem trabalhar em pares** como forma de dar apoio uns aos outros quando tentarem influenciar outros membros da comunidade.



Ilustração: Rod Shaw / WEDC,
Universidade de Loughborough.

Incentive a identificação de mais de uma mulher Líder Natural, de preferência **um mínimo de três**. Quando as mulheres participarem em sessões de formação ou reuniões, assegure-se sempre de que participa mais que uma. Estas acções oferecem um certo apoio de pares e reduzem a probabilidade de assédio ou abuso.

Incentivar homens e rapazes a promover a segurança de mulheres e raparigas

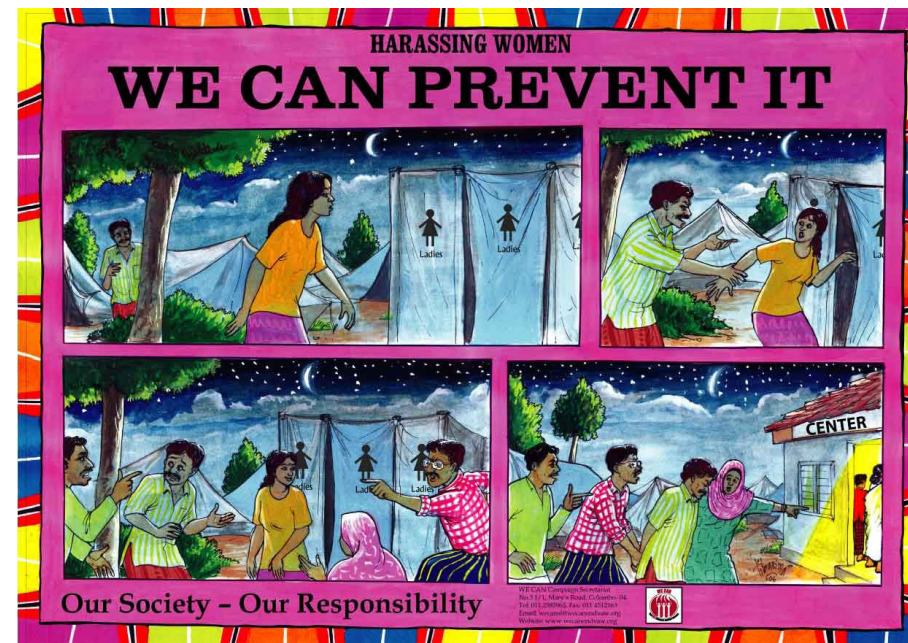


Imagem: Campanha We Can ["Podemos"], Ásia Meridional.

Este cartaz foi elaborado no âmbito de uma campanha relacionada com protecção ("Podemos... impedir a violência"). Destina-se a incentivar homens e mulheres de campos de deslocados internos no Sri Lanka a reagir ao assédio e à violência e a impedirem-nos. Embora este cartaz descreva o risco de assédio quando se utilizam latrinas num contexto de ajuda de emergência, tem lições tanto para contextos de desenvolvimento rural (pré-CLTS) como para contextos de desenvolvimento urbano.

Os processos de CLTS podem incentivar os homens – como sejam os líderes comunitários (anciãos, políticos, religiosos), maridos e irmãos e agentes de mudança – a ponderar se as mulheres, raparigas e rapazes se sentem seguros na concepção e localização de instalações sanitárias domésticas ou partilhadas pela comunidade.

Aumentar a prestação de contas aos membros da comunidade

Queremos Ouvir a Sua Opinião

As agências gostam de ouvir a sua opinião (boa ou má) sobre os projectos de água, higiene e saneamento. Para aprender e melhorar o serviço que prestamos, é importante que todos os problemas sejam trazidos à atenção da agência em causa o mais depressa possível.

Comportamento do Pessoal

O pessoal da agência deve:

- Ser respeitoso e educado
- Tratá-lo como um parceiro igual no projecto
- Procurar activamente saber a sua opinião sobre a maneira como o programa WASH é concebida e levado a cabo.
- Saber sempre explicar as suas acções.

WASH

Water, Sanitation & Hygiene
Our Commitments
to You



Não é aceitável que o pessoal da agência exija favores ou pagamento em troca do fornecimento de kits de higiene ou instalações de água e saneamento. Por favor, denuncie esses casos, se souber que isso acontece.

Fornecer-lhe informação

Todas as agências devem dar-lhe informações sobre:

- Nome e contacto da agência
- Nome(s) do(s) funcionário(s) que trabalha(m) na sua comunidade.
- O que está planeado e por quanto tempo
- Quem vai receber o quê e porque foi seleccionado
- Visitas de seguimento
- Comentários na sequência de pareceres ou avaliações

Compromissos WASH

O nosso objectivo é satisfazer as suas necessidades de instalações aceitáveis de água, higiene e saneamento.

Mulheres, homens, crianças e diferentes sectores da comunidade devem ter uma palavra a dizer sobre a forma como esses recursos são fornecidos.

Autoria: Adaptado do Núcleo Global de WASH 2009.

Este folheto define o que as comunidades podem esperar do pessoal de WASH das organizações de ajuda humanitária e explica como podem reclamar, se acontecer algum problema. Mecanismos de *feedback* ou de reclamação ainda não são comuns em programas de desenvolvimento, mas aumentar a prestação de contas à comunidade pode ajudar a garantir que os funcionários sigam códigos de conduta aceitáveis, e reduz, assim, o risco de abuso por parte de funcionários.

Devem ser postos em prática mecanismos de feedback ou de comunicação, caso os processos CLTS levem a casos de violência contra indivíduos ou famílias. Devem realizar-se debates com as comunidades para ouvir as suas sugestões de como isso pode ser evitado no futuro.

Em resumo: Principais pontos para acção

O CLTS tem grande potencial para reduzir as vulnerabilidades à violência, ao acabar com o feccalismo a céu aberto e ao permitir que todas as famílias tenham acesso a latrinas em casa ou perto de casa. No entanto, ainda é preciso tomar cuidado para garantir que os processos de CLTS não geram involuntariamente novas vulnerabilidades à violência. As agências responsáveis pela execução e os seus facilitadores de CLTS devem estar cientes dos riscos nos processos de CLTS e definir estratégias localmente aplicáveis para reduzir esses riscos. A caixa que se segue resume os principais pontos para acção.

1. Identificar as etapas dos processos de CLTS que podem aumentar as vulnerabilidades à violência.
2. Os agentes de CLTS devem promover o princípio de não-violência em *workshops*, recursos e publicações.
3. Pondere os tipos de apoio de que as mulheres Líderes Naturais precisam para serem eficazes no seu papel e como defender a igualdade de participação de homens e mulheres nas comunidades.
4. Dê aos facilitadores de CLTS orientações e ferramentas simples e práticas, para ajudar as comunidades a expressar as suas opiniões de formas que não criem conflitos e a promover o respeito por todos na comunidade.
5. Certifique-se de que o apoio às famílias vulneráveis para construir casas de banho não leva à sua exploração.
6. Peça à comunidade para ponderar se as mulheres, adolescentes e crianças se sentem seguras ao utilizar as latrinas familiares, para elas as poderem continuar a usar.
7. Durante os processos de certificação e verificação, inclua um indicador sobre o sentimento de segurança dos utentes das latrinas e também para obter *feedback* sobre quaisquer incidentes de violência que possam ter ocorrido.
8. Na qualidade de organizações WASH, assegure-se de que o pessoal age eticamente e sabe que não são aceitáveis comportamentos de exploração; na mesma óptica, estabeleça mecanismos de feedback para as comunidades, para permitir que sejam comunicados de incidentes de abusos.

Mais informação

O Consórcio Investigação Aplicada em Higiene e saneamento para a Equidade (SHARE), financiado pelo Departamento do Governo Britânico para o Desenvolvimento Internacional, dirigiu a elaboração de *Violência, Género e WASH (água, higiene e saneamento): Manual do Técnico* com contribuições de um amplo leque de profissionais. Foi publicado conjuntamente por 27 organizações.

O manual foi elaborado para organizações e governos que estão a dar acesso a estes serviços essenciais, para os ajudar a identificar e reconhecer melhor as vulnerabilidades à violência que podem ser influenciadas por programas e serviços de água, higiene e saneamento, e para contribuir de formas práticas para a redução das vulnerabilidades.

Espera-se que este conjunto de ferramentas incentive os profissionais que trabalham com água, higiene e saneamento a melhorarem a sua compreensão destas questões e, dessa maneira, a eficácia do seu trabalho, e que incentive também os agentes do sector de WASH e os que trabalham com protecção, VG e empoderamento das mulheres a reforçarem as ligações entre eles. Este manual destina-se a ajudar os técnicos do sector de WASH a desempenharem o seu papel dentro dos limites das suas próprias capacidades, trabalhando num sector com enfoque técnico. Isso não invalida, no entanto, a necessidade essencial de uma mudança social mais vasta para combater as causas subjacentes à violência, incluindo a violência de género.

Pode obter-se o manual (em inglês) no seguinte site: <http://violence-WASH.lboro.ac.uk>

Para mais informação: gbv@wateraid.org

Bibliografia

- Amnistia Internacional (2011) *Where is the Dignity in that? Women in the Solomon Islands Slums Denied Sanitation and Safety* ["Que Dignidade Há Nisso? Mulheres dos Bairros Pobres das Ilhas Salomão Não Têm Direito a Saneamento e Segurança"], Londres: Amnistia Internacional
- Bartram, J., Charles, K., Evans, B., O'Hanlon, L. e Pedley, S. (2012) "Commentary on the human right to sanitation: Should the right to community-wide health be won at the cost of individual rights?" ["Comentário sobre o direito humano ao saneamento: o direito à saúde comunitária deve comunidade ser obtido à custa dos direitos individuais?"], *Journal of Water and Health* 10.4: 499–503
- Bongartz, P. (2012) "Emotional triggers: Shame? Or shock, disgust and dignity" ["Emoções para despertar: Vergonha? Ou choque, repulsa e dignidade"], disponível (em inglês) em <http://www.communityledtotalsanitation.org/blog/emotional-%20triggers-shame-or-shock-disgust-and-dignity>
- Campanha *We Can* (sem data) materiais de advocacia, disponíveis (em inglês) em <http://policy-practice.oxfam.org.uk/our-work/gender-justice/we-can#91ca533e-99e1-4bd2-8d46-23f1fc49fa55>
- Chambers, R. (2007) notas de viagem de campo, Haryana (inéditas)
- Global WASH Cluster (2009) folheto *WASH Accountability Resources; Ask, Listen, Communicate* ["Recursos de Prestação de Contas WASH; Faça Perguntas, Escute, Comunique"], www.washcluster.info/?q=content/washaccountability-toolkit, consultado a 11 de Outubro de 2013
- Globescan Incorporated e WaterAid (2012) *Women, Sanitation and Security Nigeria* ["Mulheres, Saneamento e Segurança, Nigéria"], Novembro. Londres: Globescan Incorporated e WaterAid
- Halcrow, G., Roland, C., Willets, J., Crawford, J. e Carrad, N. (2010) *Resource Guide: Working Effectively with Women and Men in Water, Sanitation and Hygiene Programmes* ["Guia de Recursos: Trabalhar Eficazmente com Homens e Mulheres em Programas de Água, Higiene e saneamento"], Sydney: International Women's Development Agency and Institute for Sustainable Futures, University of Technology
- House, S., Ferron, S., Sommer, M. e Cavill, S. (2014) *Violence, Gender & WASH: A Practitioner's Toolkit – Making Water, Sanitation and Hygiene Safer through Improved Programming and Services*, ["Violência, Género e WASH: Manual do Técnico – Tornar a Água, Higiene e saneamento Mais Seguros através de Melhor Programação e Melhores Serviços"], Londres: WaterAid/SHARE
- Jones, H. (2013) *Facilitator Notes: Accessibility and Safety Audit of Water and Sanitation Facilities* (Version 2). Plus Individual Accessibility and Safety Audit Tools for: Latrine, School Latrine and WaterPoint ["Notas do Facilitador: Auditoria de Acessibilidade e Segurança de Instalações de Água e Saneamento (versão 2). Incluindo Ferramentas de Auditoria Individual de Acessibilidade e Segurança para: Latrina, Latrinas Escolares e Pontos de Água"], Loughborough e Londres: WEDC e WaterAid
- Lennon, S. (2011) *Fear and Anger, Perceptions of Risks Related to Sexual Violence Against Women Linked to Water And Sanitation in Delhi, India* ["Medo e Raiva, Percepções de Riscos Associados à Violência Sexual Contra Mulheres Ligada à Água e Saneamento em Nova Deli, Índia"], nota informativa (em inglês), Londres: Consórcio SHARE, www.sharesearch.org/LocalResources/VAW_India.pdf, consultado a 7 de Abril de 2015
- Mehrotra, S.T. (2010) *A Handbook on Women's Safety Audits in Low-income Urban Neighbourhoods: A Focus on Essential Services* ["Um Manual para Auditorias de

- Segurança das Mulheres em Bairros Urbanos de Baixa Rendimento: Um Enfoque nos Serviços Essenciais*] Novembro, Nova Deli: Jagori e Women in Cities International
- Otieno, P. V. (2012) "The "shame question" in CLTS" ["A "questão da vergonha" em CLTS"], disponível (em inglês) em [www. communityledtotalsanitation.org/blog/shame-question-clts](http://www.communityledtotalsanitation.org/blog/shame-question-clts), consultado a 7 de Abril de 2015
- Stephenson, E., Greene, L., Maes, K., Ambelu, A., Alemu, Y., Rheingans, R. and Hadley, C. (2012) "Water insecurity in 3 dimensions: An anthropological perspective on water and women's psychosocial distress in Ethiopia" ["Insegurança da água em três dimensões: Uma perspectiva antropológica da água e dificuldades psicossociais das mulheres na Etiópia"], in *Social Science and Medicine*, 75.2: 392–400
- WaterAid e National Confederation of Dalit Organisations (2013) "Research on the DFID-supported IPAP programme in India in 5 States" ["Investigação sobre o programa IPAP, apoiado pelo DFID em cinco Estados na Índia"] (inédito)
- Weighell, R. (2015) "Can flooding adaptation to water and sanitation facilities in South West Bangladesh, reduce women's vulnerability to abuse?" ["A adaptação às cheias de instalações de água e saneamento no Sudoeste do Bangladeche pode reduzir a vulnerabilidade das mulheres ao abuso?"], tese de licenciatura inédita, Universidade de Sussex
- Women in Cities International, Jagori, International Development Research Centre (2011) *Gender and Essential Services in Low Income Communities, Report Findings of the Action Research Project: Women's Rights and Access to Water and Sanitation in Asian Cities* ["Género e Serviços Essenciais em Comunidades de Baixo Rendimento, Relatório de Conclusões do Projecto de Pesquisa em Acção: Direitos das Mulheres e Acesso a Água e Saneamento em Cidades Asiáticas"], Montreal e Deli: Women in Cities International e Jagori

Bibliografia de dados sobre a violência contra as mulheres (OMS et al, 2005, 2006, 2013)

- Assembleia-Geral das Nações Unidas (2006) *In-Depth Study on All Forms of Violence against Women: Report of the Secretary-General* ["Estudo Aprofundado sobre Todas as Formas de Violência contra as Mulheres: Relatório do Secretário Geral"], A/61/122/Add.1, 6 de Julho
- Campanha do Secretário-Geral das Nações Unidas pelo Fim da Violência contra as Mulheres (UNA-SE) (2011) *Violence Against Women* ["Violência contra a Mulher"], ficha informativa, acessível (em inglês) em http://endviolence.un.org/pdf/pressmaterials/unite_the_situation_en.pdf, consultado a 11 de Outubro de 2013
- Organização Mundial da Saúde (2005) *Summary Report, WHO Multi-Country Study on Women's Health and Domestic Violence Against Women, Initial Results on Prevalence, Health Outcomes and Women's Responses* ["Relatório de Síntese, Estudo Multinacional da OMS sobre Saúde das Mulheres e Violência Doméstica Contra a Mulher, Resultados Iniciais relativos a Prevalência, Resultados de Saúde e Reações das Mulheres"], Genebra, Suíça: OMS
- Organização Mundial de Saúde, London School of Hygiene and Tropical Medicine e South African Medical Research Council (2013) *Global and Regional Estimates of Violence Against Women: Prevalence and Health Effects of Intimate Partner Violence and Non-Partner Sexual Violence* ["Estimativas Globais e Regionais da Violência contra as Mulheres: Prevalência e Efeitos da Violência Doméstica e da Violência Sexual Não-Conjugal na Saúde"] (OMS, 2013), Genebra: OMS

Sobre a série

Trata-se de uma série de notas curtas que dão orientações práticas sobre novos métodos e abordagens, e que reflectem sobre questões mais amplas. Agradecemos comentários, ideias e sugestões. Contacte-nos no site clts@ids.ac.uk

Outros recursos essenciais sobre CLTS

Este e muitos outros recursos estão disponíveis em www.communityledtotalsanitation.org/resources

Bongartz, P., Musembi Musyoki, S., Milligan, A. e Ashley, H. (2010) *Tales of Shit: Community-Led Total Sanitation in Africa* ["Histórias de Cocó: Saneamento Total Liderado pela Comunidade em África"], Participatory Learning and Action 61, Londres: International Institute for Environment and Development

Kar, K. (2010) *Facilitating "Hands-on" Training Workshops for CLTS: A Trainer's Training Guide* ["Facilitação de Sessões de Formação Prática em CLTS: Guia de Formador de Formadores"], Genebra: WSSCC

Kar, K. com Chambers, R. (2008) *Handbook on Community-Led Total Sanitation* ["Manual de Saneamento Total Liderado pela Comunidade"], Brighton e Londres: IDS e Plan International

Sobre as autoras

Sarah House é engenheiro civil/de saúde pública empenhada na capacitação e da melhoria da sensibilização para género, equidade e inclusão em WASH.

Sue Cavill é especialista de WASH, com experiência na implementação de projectos WASH e avaliação de projectos, bem como de pesquisa relevante para políticas, análise e a divulgação.

Outros números desta série

Número 1: Cole, B. (2013) "Desenvolvimento da Concepção Participativa para Saneamento" Ben Cole, que ajudou o UNICEF a adaptar e a testar a concepção participativa de latrinas no Malawi, descreve as diferentes fases da concepção participativa de latrinas e dá orientações práticas com base nas experiências do Malawi.

Número 2: Maulit, J. A. (2014) "Como Despertar para a Lavagem das Mãos com Sabão" Este guia, elaborado no Malawi pelo UNICEF, responde à necessidade de ferramentas específicas que ajudem a incorporar a lavagem das mãos no CLTS.

Número 3: Wilbur, J. e Jones, H. (2014) "Deficiência: Tornar o CLTS Plenamente Inclusivo" Este número centra-se nas pessoas com deficiência e necessidades especiais para acesso ao saneamento. Inclui recomendações práticas para as pessoas que trabalham com CLTS para tornarem mais inclusivos as diversas fases e os diversos processos

Número 4: Cavill, S. com Chambers, R. e Vernon, N. (2015) "Sustentabilidade e CLTS: Ponto da Situação" Este número é uma tentativa de fazer uma síntese actualizada de onde nos encontramos no início de 2015. Neste número, identificamos algumas áreas prioritárias para aprendizagem.

Tornar a Higiene e o Saneamento Mais Seguros: Reduzir as Vulnerabilidades à Violência

O CLTS visa um saneamento total em que ninguém pratique o fecalismo a céu aberto, o que, por si só, tem já potencial para reduzir as vulnerabilidades à violência. As preocupações com segurança, privacidade ou dignidade ao usar instalações sanitárias podem, contudo, fazer com que as instalações não sejam usadas ou que sejam usadas apenas quando está escuro. Por muito que a má concepção ou localização de latrinas ou outras instalações sanitárias não sejam a causa última da violência, estas questões podem contribuir para aumentar a vulnerabilidade à violência, bem como o medo da violência, o que pode afectar o uso das instalações e também a capacidade das comunidades se tornarem e se manterem ODF.

Esta edição de *Fronteiras do CLTS* centra-se na questão da segurança e das vulnerabilidades à violência que mulheres, raparigas e, às vezes, rapazes e homens podem enfrentar e que estão relacionadas com higiene e saneamento. Aponta para áreas em que as metodologias de CLTS, se não forem habilmente usadas com consciência e cuidado, comportam o risco potencial de criar mais vulnerabilidades, por exemplo, como efeito lateral pressão da comunidade para alcançar o estatuto ODF. Cobre também as boas práticas dentro das organizações, para garantir que quem trabalha no sector sabe programar para reduzir vulnerabilidades à violência e garantir que os agentes do sector também não cometam nem sofram violência.



*Ilustrações de Regina Faul-Doyle,
adaptadas de materiais elaborados pela
Campanha "We Can" ("Podemos") na Ásia
Meridional*



**CLTS
Knowledge
Hub**

**Institute of Development Studies
Universidade de Sussex, Brighton BN1 9RE, Reino Unido**

Site: www.communityledtotalsanitation.org

E-mail: CLTS@ids.ac.uk

Twitter: @C_L_T_S

Tel.: +44 (0)1273 606261

Fax: +44 (0)1273 621202

IDS, instituição particular de solidariedade social:

Instituição de Solidariedade Social. 306371; Registada em Inglaterra 877338 N° de IVA. GB 350 899914

Saiba mais

Assine o boletim informativo de CLTS, partilhe as suas experiências e contribua para o site de CLTS através do e mail CLTS@ids.ac.uk